

**VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES
TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?**

**LIFE AND DEATH OF A POOR WOMAN: TRANSFORMING AGENTS
OF URBAN SPACE?**

Paulo Alexandre Xavier Marques¹

RESUMO

Este artigo visa demonstrar a trajetória síncrona da vida de uma comunidade pobre de Recife e sua líder. Através deste relato, faz-se uma análise das transformações sociourbanas decorrentes da intervenção urbanística sofrida pela comunidade em 2010, das quais resultam inferências sobre a formação do espaço urbano da cidade e de suas relações com os pobres. Utilizou-se a História Oral como metodologia e as memórias e as histórias de vida dos ex-moradores como fontes. Foram utilizados os conceitos de “tática” e “estratégia” de Michel de Certeau para operacionalizar as análises. Este acontecimento pôs em movimento atores sociais, cujas ações e reações não são uniformes nem podem ser previstas ou controladas, mas “fabricam” identidades, deslocam fronteiras e continuam indefinidamente a cartografar a cidade no movimento incessante da história.

Palavras-chave: História da Mulher; História do Recife; Intervenções Urbanísticas.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the synchronous life trajectory between a poor community and its leader in Recife. Through this report, an analysis is made to clarify the socio-urban transformations which resulted from the urban intervention undergone by the community in 2010. It results in inferences about the formation of the city's urban space and its relations with poor citizens. Oral history was used as methodology. The memories and life histories of ex-residents was used as sources. The concepts of "tactics" and "strategy" in Michel de Certeau were used to operationalize the analyzes. This event has set in motion social actors, whose actions and reactions are neither uniform nor can be predicted or controlled, but "fabricate" identities, move borders, and indefinitely continue to map the city in the ceaseless movement of history.

Keywords: Women's History; History of Recife; Urban Interventions.

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em História, Professor do Curso de Arquitetura do Centro Universitário Unifacisa, Arquiteto da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: paxm2009@gmail.com

INTRODUÇÃO

A intervenção governamental nas comunidades pobres de Boa Viagem em maio de 2010 tinha como objetivo deixar livre o caminho para a implantação do projeto da Via Mangue. Esse processo mudou a paisagem do bairro, as relações sociais que nele existiam e, principalmente, a vida social, cultural e econômica dos moradores removidos (MARQUES, 2014).

O projeto da Via Mangue, segundo o discurso da prefeitura, foi um projeto de caráter viário, habitacional e ecológico e teve por objetivo principal desafogar o trânsito de Boa Viagem, bairro rico da zona sul do Recife. Sua conclusão fora prevista para maio de 2013, prazo estabelecido pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) para as intervenções de acessibilidade nas cidades sedes da Copa do Mundo de 2014 e da Copa das Confederações de 2013 (PREFEITURA DO RECIFE, 2011).

Seu traçado de 4,5 km de extensão, atravessou áreas que estavam ocupadas, havia décadas, por oito comunidades pobres, entre elas a “Xuxa”, que margeavam uma das últimas grandes áreas de preservação ambiental da cidade, composta por mangues e rios.

Segundo seus planejadores, a Via Mangue foi uma obra estratégica para o desenvolvimento econômico, social, turístico e ambiental da cidade. O projeto incluiu a melhoria da rede de saneamento; obras de urbanização; construção de 992 moradias para famílias que moravam em palafitas e de outras localidades, distribuídas em 3 conjuntos habitacionais, o Residencial I Via Mangue, o Residencial II Via Mangue e o Residencial III Via Mangue, que, apesar de ser o último na numeração, foi o primeiro a ser entregue, em 2010, para assentar os ex-moradores da “Xuxa” e de outra comunidade denominada “Deus nos Acuda” (IDEM).

O novo residencial foi construído a cerca de três quilômetros das antigas localidades, o que pode parecer pouco, mas foi o suficiente para quebrar praticamente todas as relações de vizinhança que os moradores removidos mantinham com o bairro de Boa Viagem, provocando uma quebra na sua organização social e econômica (MARQUES, 2014). Diante desse quadro, esta pesquisa visa responder à seguinte problemática: Como a vida e a morte de uma mulher pobre tornou-se força motora

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

para a reinvenção de vidas, identidades, moradias e meios de produção de renda, enfim, para a reinvenção de uma pequena porção da própria cidade, que fora “varrida” do bairro de Boa viagem quando da construção de um corredor para automóveis em 2010?

Pare responder a esta problemática, este artigo definiu como objetivo demonstrar, por meio da análise dos relatos de memória dos ex-moradores da comunidade Xuxa, e de suas representações sobre sua ex-líder, que neste texto será chamada pelo nome fictício de Marlene Rego², a trajetória síncrona da vida desta mulher e de sua comunidade, com base na concepção de que a memória individual e a social são inseparáveis. Considerou-se, assim, que todo relato de memória individual traz consigo um acontecimento ou uma experiência que também reflete a de uma parcela do grupo, da classe, da rede social de que é parte (MONTENEGRO, 2013).

Esta pesquisa visa, dentro de uma concepção mais ampla, contribuir para a compreensão e o registro da história recente da formação do espaço urbano da cidade de Recife, nas suas relações com seus cidadãos pobres.

A história de vida de Marlene Rego se destaca nessa narrativa em função de ela ter sido a líder comunitária da Xuxa e por ter tido um envolvimento mais profundo com a história da comunidade em estudo, assim como com todos os processos de mudanças e intervenções por ela sofridos.

Marlene Rego, vista inicialmente como facilitadora e fonte da pesquisa, passou a objeto da mesma, dada à importância e à representatividade de sua história de vida e de seu papel no quadro estudado. Outro fato que fez com que a história de vida de Marlene Rego fosse transversal a toda a narrativa desenvolvida neste trabalho foi o seu falecimento ainda no início da coleta de dados, e por esse fato ter provocado importantes mudanças na vida de outros ex-moradores, suscitando novos fatos e possibilitando o aprofundamento das análises desenvolvidas.

² Neste trabalho as identidades de todos os personagens citados serão preservadas pelo uso de nomes fictícios, uma vez que a história relatada é muito recente e, por isso, a maioria deles ainda se encontra viva e morando em Recife ou cidades do interior de Pernambuco, não obstante todos tenham assinado autorizações para o relato de suas histórias em trabalhos científicos.

entre os anos de 2003 e 2013,

uma categoria relativamente recente no campo da historiografia, porém já consolidada e epistemologicamente aceita, uma vez que age como inovadora sem desligar-se das garantias de confiança oferecidas pelas práticas tradicionais (PUENTES e GAVÍDIA, 2007).

Esta “viagem ao tempo presente” pretende buscar uma possibilidade de análise e inteligibilidade historiográfica a respeito do nosso próprio tempo, desnaturalizando o presente e convertendo-o em um problema (LARROSSA, 2004).

Esta coleta de dados se deu por abordagem direta, através de entrevistas individuais semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas e editadas, as quais partiram de perguntas pré-elaboradas em função dos objetivos almejados, cujas respostas deixaram os entrevistados livres para uma conversação subjetiva, através da qual se pudessem obter dados relevantes. Tais memórias puderam esclarecer acerca de eventos e processos, que de outra forma não poderiam ser entendidos ou elucidados.

O uso da História Oral como metodologia suscitou histórias e memórias dos sujeitos que na cidade de Recife circulam, vivem, lutam, criam e recriam as diversas facetas de seu espaço público.

No que diz respeito às memórias, elas não são entendidas neste trabalho como um repositório onde ficam armazenadas lembranças de fatos vividos no passado, tal como se passaram, mas como um processo dinâmico bastante complexo, em que as experiências presentes estão constantemente interferindo e resignificando experiências passadas (MONTENEGRO, 2012).

Nas palavras de Montenegro, “esses atores sociais anônimos adquirem visibilidade através de narrativas que descrevem, com uma diversificada riqueza de detalhes, experiências cotidianas, que comumente se perdem nos desvãos da história” (MONTENEGRO, 2010, 69).

São histórias de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, versões menosprezadas, que, segundo Amado e Ferreira, podem ser relacionadas por essa via à história dos excluídos, ou seja, a histórias de vida ou de feitos de sujeitos que

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

por muito tempo foram considerados pelos historiadores como atores sociais de menor importância (AMADO e FERREIRA, 2006).

A opção por adotar fontes orais se deu em função da natureza da pesquisa e de seus objetivos. Os entrevistados foram identificados no local da pesquisa, através da observação no campo ou por indicação de outros participantes, por representarem os diversos tipos de situações dentro do quadro geral do processo em estudo, tendo alguns se aproximado espontaneamente para dar a sua contribuição à pesquisa, num total de 14 entrevistados, alguns escutados em mais de uma ocasião. Esse número de entrevistados foi considerado suficiente para dar a essa narrativa o efeito de verdade necessário para caracterizá-la como um trabalho historiográfico.

Nenhuma das entrevistas excedeu o limite de duas horas de duração e todos os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e à natureza do trabalho. Todos assinaram um termo de cessão de direitos autorais e de permissão para publicação do conteúdo das entrevistas em trabalhos científicos.

Para operacionalizar as análises foram utilizados os conceitos de “tática”, “estratégia” e “apropriação” na obra de Michel de Certeau. Trabalhou-se também com os conceitos de “identidade” em Stuart Hall e Tomás Tadeu da Silva.

Conheci Marlene Rego num dia comum de trabalho, em fevereiro de 2010, no mesmo dia em que conheci a Xuxa, a comunidade da qual ela era líder. Eu, arquiteto da Prefeitura do Recife, ela, líder comunitária da Xuxa, comunidade pobre que resistia e existia havia anos, sob ameaça constante de remoção, às margens da maior reserva de manguezais da cidade.

Marlene Rego e sua comunidade nasceram juntas na beira do mangue e morreram da mesma forma, atropeladas pela cidade. O fim de ambas fora decretado pela construção de um novo corredor viário que viabilizaria a mobilidade de automóveis na zona sul do Recife durante a copa de 2014.

A Xuxa morreria num dia de chuvoso de maio de 2010. Seus moradores, ameaçados, aceitaram ser removidos em caminhões caçamba, junto com seus

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

móveis e pertences, para um condomínio residencial situado a 3Km dali. Já Marlene Rego morreria num domingo de maio, dia das mães do ano seguinte.

Eu estava ali como arquiteto da Prefeitura, para mapear e cadastrar as residências existentes na comunidade. Cada casa cadastrada e marcada no mapa daria direito a um apartamento no residencial, que já estava pronto, com 350 apartamentos de 36m² cada, para receber os moradores, que seriam removidos dali a alguns dias³.

Marlene Rego era líder comunitária, e iria ser minha guia e meu “passaporte” naquela viagem que me daria acesso a todos os recantos da localidade, mesmo aqueles mais escondidos dentro do labirinto de ruas estreitas e cheias de casas precariamente construídas.

Ela era uma senhora, de cor branca, que aparentava de 15 a 20 anos mais velha do que seus 44 anos de idade. Usava óculos e trajava roupas bem compostas, cabelos longos e amarrados, à moda dos evangélicos. Era magra, simpática e muito disposta a colaborar com a prefeitura. Logo me convidou para conhecer a sua casa.

Ainda que aquele território fosse representado como uma “favela” por jornalistas e moradores de áreas ricas da cidade, o que lhe conferia um estigma social que nivelava por baixo todas as moradias lá existentes, havia lá um grande contraste em relação aos tipos de habitação. Uma parte das 152 casas estava construída sobre um aterro na beira do mangue, e eram de alvenaria. Mas, havia uma grande parcela delas que avançava sobre o mangue, eram edificadas sobre palafitas fincadas na lama e por isso eram chamadas de “flutuantes”. Eram construídas com tábuas e restos de materiais, como chapas metálicas e lonas de plástico. A casa de Marlene Rego era uma dessas. Fiquei um pouco surpreso ao saber sua casa era uma das mais pobres da localidade (MARQUES, 2012).

Para chegarmos até a casa de Marlene Rego, eu e os membros da equipe tivemos que caminhar primeiro por uma via estreita, à beira do mangue e, depois, nos

³ PREFEITURA CADASTRA FAMÍLIAS RESIDENTES NO TRAJETO DA VIA-MANGUE. Recife: ACERTO DE CONTAS, publicado em 25/05/2007. Disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/atualidades/prefeitura-cadastra-familias-residentes-no-trajeto-da-via-mangue/>> Acesso: 30 abr. 2012.

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

equilibrar sobre um corredor de tábuas estruturado com palafitas. Os nossos sentidos começaram a ficar mais aguçados naquele território onde o olfato identificava o cheiro de lama e de esgoto, os pés pisavam em uma estrutura que não era firme e os olhos observavam uma “arquitetura” resultante de uma mistura entre necessidade e possibilidade, cuja estética era colocada em último plano. A sensação de insegurança era grande para quem estava habituado a andar apenas nos solos firmes das ruas “visíveis” da cidade oficial.

Havia um mês, um neto de Marlene Rego despencara desta passarela para dentro do mangue e desaparecera sob a água. Ficara preso na lama que cobria o fundo do mangue: “*Meu filho pulou dentro do mangue e conseguiu resgatá-lo a tempo, mas foi um grande susto, ele saiu coberto de lama!*”, contou-nos (REGO, 2010).

Chegamos, finalmente, à sua casa, era uma das flutuantes. Seu marido estava em pé, fazendo a barba sobre uma mesa próxima à porta, na qual havia uma bacia com água, e nos cumprimentou com um sorriso simpático, desviando os olhos do pequeno espelho pendurado na parede de tábuas.

Depois, eles nos contaram como ratos haviam atacado algumas crianças, alguns dias antes, enquanto dormiam. Elas chegaram a ser socorridas no hospital, por causa das mordidas que sofreram nas mãos e no rosto⁴.

Naquele traçado, era difícil sabermos distinguir onde começavam ou terminavam as casas, pois elas eram coladas e estruturadas umas nas outras, através de um engenhoso sistema que viabilizava aquele tipo de construção. Era Marlene Rego quem nos indicava onde começava uma e terminava a outra, para que pudéssemos marcar no mapa a numeração das casas.

Quem via aquele grupamento de casas do alto dos edifícios, ou de passagem pelas ruas que tocam as suas margens, não conseguia apreender suas peculiaridades. Mas, caminhando pelas suas entranhas, eu começava a perceber que havia uma conveniência, como se fosse uma relação lógica entre a realidade social

⁴ MORADORES DE FAVELA SÃO ATACADOS POR RATOS EM BOA VIAGEM. Recife: JORNAL DO COMMERCIO, publicado em 09/11/2009. Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/pernambuco/noticia/2009/11/09/moradores-de-favela-sao-atacados-por-ratos-em-boa-viagem-205024.php>> Acesso 01 mai. 2012

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

daquelas pessoas e o desenho das casas, das vielas, de ruas estreitas, de suas lojas e oficinas, que se mesclavam num labirinto, onde só quem era dali conseguia se movimentar sem se perder (MARQUES, 2012).

Aquela conformação elaborada no cotidiano era uma síntese entre intuição e ocasião. Com os materiais que estavam ao seu alcance, lonas, restos de construção, materiais reciclados eles resolviam o problema da moradia a seu modo e criavam um ambiente praticamente inviolável. O resultado era um complexo sistema, que lhes garantia proteção contra visitantes não autorizados.

Começamos o trabalho, e, com base em fotografias aéreas, eu ia anotando a numeração das casas existentes, tentando distinguir, dentro de um conjunto que parecia único, as unidades habitacionais, por entre as quais serpenteavam vielas praticamente invisíveis nas fotos aéreas.

Aos poucos, moradores começavam a se aglomerar ao nosso redor, depois de saberem qual era o propósito de nossa visita. Conduziam-nos até suas casas e queriam ter a certeza de que elas estavam marcadas no mapa que eu desenhava sobre a fotografia aérea. Afinal, quem não constasse naquele mapa ficaria desabrigado após a demolição das casas.

Concluídas as visitas às localidades, os mapas foram concluídos e enviados ao setor da prefeitura responsável pelo cadastramento dos moradores. Eu só voltei a ter contato com Marlene Rego quando iniciei a minha pesquisa de mestrado, alguns meses depois, dessa vez já com um olhar diferenciado, não mais de arquiteto, mas de historiador.

Marlene Rego era a matriarca de uma das principais famílias da comunidade Xuxa, da qual ela também era líder. A comunidade foi expulsa de seu território na beira do mangue, para dar lugar à construção da Via Mangue.

Marlene Rego tinha marido, com quem foi casada por 25 anos, e quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Mas, também era considerada como uma espécie de mãe por grande parte dos moradores da localidade. Sua mãe morreu quando ela ainda era criança, tendo sido criada por uma vizinha a qual passou a chamar de mãe.

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

Alimentava, porém o desejo de um dia poder reencontrar sua mãe biológica, segundo suas crenças, na vida após a morte.

A astúcia, a criatividade, a intuição e a capacidade de superação se cruzavam e inventavam a vida de Marlene Rego, assim como da própria comunidade. As duas histórias se confundem, amalgamadas pelos estigmas da pobreza e dos preconceitos sociais. Desta forma, sua história de vida singular se inter cruzava com a da própria localidade, representando a vida de tantos outros indivíduos de seu tempo e de seu lugar social.

Marlene Rego exercia a sua liderança na comunidade Xuxa por pura vocação política e materna. Na prática, era também uma assistente social em tempo integral. É certo que a sua liderança sobre os moradores e suas relações próximas com os políticos e com o poder público, davam a ela um status privilegiado na comunidade. Ela tinha plena consciência de sua importância estratégica no jogo das relações entre o poder público e aquelas localidades, e sabia também tirar algum proveito disso, como ficará claro mais adiante nas análises de suas entrevistas.

A comunidade Xuxa emergiu no cenário da cidade de Recife mais ou menos na mesma época do nascimento de Marlene Rego, entre as décadas de 1960 e 1970. Tanto Marlene Rego quanto a localidade Xuxa desapareceram do cenário da cidade no início da década de 2010, em consequência, direta ou indireta, da expulsão dos moradores para o novo residencial.

A “morte” da localidade se deu por conta do esfacelamento de sua organização social e pelo seu afastamento do bairro de Boa Viagem. A de Marlene Rego, por atropelamento, numa noite de domingo, dia das mães de 2011, quando ia para a igreja com seu filho. Esses fatos, embora aparentemente isolados, se explicam, revelando uma perfeita interdependência e podem ser vistos reciprocamente como metáforas.

O vínculo de Marlene Rego com a localidade Xuxa passava pela territorialidade, pelos costumes, pelas tradições, pelas identidades e pelas origens históricas comuns. Tudo isso foi impactado pela mudança forçada da população para o local determinado pelos planejadores da Via Mangue. Nesse novo lugar, surgiu nova territorialidade, novos costumes, nova organização social e espacial, assim como novas identidades.

As marcas da pobreza e do abandono eram como estigmas comuns tanto a Marlene Rego quanto à comunidade que ela liderava, as quais partilharam também

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

do mesmo destino trágico. Tudo foi muito de repente, e nenhuma delas teve tempo nem condições para resistir às forças que contra elas investiram.

A morte de Marlene Rego foi uma metáfora para o que ocorrera com a localidade que ela liderava, atropelada pela cidade, que passava barulhenta, apressada, esfumaçante e sem pudores, pisando em tudo o que insistia em se atravessar em seu caminho. Tinha que se expandir, para dar passagem aos moradores de outros bairros e aos turistas, os quais, diferentemente Marlene Rego, que se deslocava a pé ou de bicicleta, precisavam de espaço para circular com seus carros e motos, cada vez mais preocupados em ganhar tempo, pois “tempo é dinheiro”, e esta é uma lógica da cidade.

NÃO FEZ FAVOR NENHUM! SE NÃO EXISTISSE UM PROJETO PRA PASSAR ALI, COM CERTEZA A “XUXA”, ATÉ HOJE, ESTARIA LÁ!

Em sua entrevista, já no novo apartamento, Marlene Rego (2010) demonstrava ter consciência do processo de expulsão a que foi submetida juntamente com toda a sua comunidade, conforme se pode observar em sua fala:

Não fez favor nenhum! Se não existisse um projeto pra passar ali, com certeza a “Xuxa”, até hoje, estaria lá! Porque, época de política, os políticos usam muito isso: Ah! Mas você vivia aí. Aí eu digo: eita! Saí, porque tinha um projeto da copa de 2014, pra enfeitar revista!
(REGO, 2010)

No dia em que entrevistei Marlene Rego pela primeira vez, em setembro de 2010, era um sábado pela manhã, dia 04. Marlene Rego tinha então 45 anos, estava em casa com seu marido, que tinha 47, sua filha, de 21 e seu filho, de 25. Estava também, brincando na sala, o seu neto, de aproximadamente 6 anos, filho de seu filho mais velho, separado da esposa e morando naquela ocasião na casa da mãe.

O neto só passava lá os finais de semana. Ela recebeu a mim com muita presteza. Parou seus afazeres, me convidou para sentar no sofá da pequena sala, cujas paredes ainda estavam sem reboco, como haviam sido entregues pela construtora. Era um apartamento de 38m² que, segundo ela, a prefeitura havia “trocado” pelo seu barraco de madeira.

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

Em relação à sua casa anterior, que eu havia visitado cerca de um ano antes, lá na localidade Xuxa, o salto qualitativo era enorme, sem termos de comparação! Esta tinha chão firme, de cimento, e não “balançava” quando a gente andava; não estava no ar aquele cheiro de esgoto característico do lugar onde morara. Os meus sentidos estavam bem mais relaxados e a autoestima de Marlene Rego mais elevada, pois que a casa é uma extensão da própria subjetividade. Ela estava bem mais à vontade para me receber, e se dispôs a responder umas perguntas.

Antes da remoção para o Residencial, Marlene Rego dividia o espaço da localidade “Xuxa” com outras 151 famílias. Na entrada da Xuxa, à margem da Rua Maria Carolina, Marlene Rego tinha uma pequena lanchonete, também construída com restos de tábuas de construção. A localização de seu estabelecimento comercial ajudou durante muito tempo na produção de renda de sua família, pois por estar à margem da rua asfaltada, atendia também ao público passante, que não morava na localidade.

Ela trabalhava até altas horas da noite, aproveitando o movimento noturno do bairro, como relatou em sua entrevista Rego (2010): *“Lá eu tinha uma barraquinha; eu vendia hambúrguer, cachorro quente; eu vendia guaraná do Amazonas. Então sempre eu tinha meu dinheirinho”* (REGO, 2010). Com a demolição da comunidade, Marlene Rego recebeu uma indenização pelo seu ponto comercial, além de um apartamento no Residencial III Via Mangue.

Na época em que funcionava a sua lanchonete, Marlene Rego teve problemas com bandidos que começaram a se aproveitar da “boa localização” do estabelecimento para usá-lo como ponto de apoio para realização de assaltos. Eles ficavam escondidos, espreitando o movimento de pessoas e de automóveis na rua para promover emboscadas. A localidade, como descrito no Capítulo 1, era um espaço cuja configuração e localização facilitavam ações táticas de moradores que optavam pelas atividades ilícitas, como a prática de assaltos ou o tráfico de drogas.

Esse fato atraiu a polícia, que passou a importunar Marlene Rego, para que ela “entregasse” o nome dos bandidos que se utilizavam de seu estabelecimento. Isso desanimou Marlene Rego (2010), que terminou por fechar sua movimentada lanchonete, conforme ela relata em sua entrevista:

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

Eu ficava com medo, porque toda queixa que chegava na delegacia de Boa Viagem aqui, estava aquela barraquinha! A pessoa saía dali e sempre eu tinha que dizer alguma coisa! Uma vez o delegado ficou com raiva de mim: “irmã, você já sabe quem é! Porque a senhora não denuncia esse povo?” (REGO, 2010)

Mas, a proximidade com o rico bairro de Boa Viagem sempre lhe proporcionava um meio de gerar renda. Ela prestava serviços de faxina nos inúmeros apartamentos da vizinhança, cujos moradores iam até a entrada da localidade para chamá-la sempre que precisavam de seus serviços. Quando faltava trabalho nos apartamentos, ela saía para recolher latinhas de alumínio para vender por quilo no armazém de reciclagem, que ficava próximo:

“Lá? Coisa muito fácil! você tá ali na frente, chegava uma pessoa: tá precisando de uma pessoa pra fazer uma diária! O carro parava ali na frente, a gente ia... Tá precisando de uma pessoa pra fazer uma faxina...” (REGO, 2010), relatou Marlene Rego em sua entrevista.

Ela falava dos tempos da comunidade em Boa Viagem com um sentimento conflituoso: ao mesmo tempo em que dava graças a Deus por estar morando no novo apartamento, se ressentia dos prejuízos causados pela mudança no que diz respeito à economia familiar, como diz em sua entrevista: *“Mas realmente ele melhorou muito! Pra quem vivia naquela condição sub-humana que a gente vivia ali, e hoje tá aqui, não é verdade? Foi um presente de Deus!”* (REGO, 2010). A localidade, no que diz respeito à moradia era para ela um tormento, no entanto uma solução em termos de subsistência para a família. E este não era um sentimento apenas dela, mas se mostrou recorrente em muitas das entrevistas.

Na sua entrevista, Marlene Rego (2010) relatou a dificuldade que sua família encontrou para obter renda após a mudança para o novo residencial. Ela se refere ao fato de a mudança, embora para um local relativamente próximo ao que eles moravam, ter quebrado o vínculo que tinham com o bairro de Boa Viagem, onde conseguiam com facilidade prestar serviços a seus moradores.

Devido à falta de um local adequado para a prática do comércio, tão banal na Xuxa, os moradores desenvolveram outra tática que, embora proibida, tornou-se muito comum no residencial, que é utilizar os apartamentos térreos para a prática do comércio. Observou-se que práticas que eram comuns nas localidades extintas continuavam a ser executadas no conjunto de prédios, apesar das proibições da

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

prefeitura, como é o caso do aluguel de imóveis, a prática do comércio e a rejeição ao pagamento de taxas de serviços públicos, como fornecimento de água e luz.

Marlene Rego tinha suas próprias táticas de sobrevivência nas condições de pobreza a que estava submetida. Sua condição de líder comunitária e seu consequente poder de formar opiniões atraía a atenção de políticos interessados na captação de votos, ela era como uma ponte entre os candidatos a cargos eletivos e os moradores da localidade.

Mas, ela tinha plena consciência de sua importância estratégica no jogo das relações entre o poder público e o poder de voto daquelas localidades. Ela sabia muito bem como utilizar esse “status” em seu favor e de sua localidade, relacionando-se com os políticos de forma astuciosa, como se pode perceber a partir de seu próprio relato:

[...]Você sabe que a única pessoa que pode dar uma força, ajudar a gente, é os órgãos públicos, a prefeitura, o governo, então essa é a hora de ajudar a localidade, mesmo que não vote! Ninguém vai tá olhando quem tá votando... Aí, o que a gente faz? Todo mundo no bloco concorda em votar naquele candidato que a prefeitura tá lançando, pra que ele junto com a prefeitura consiga melhorar a vida do pessoal! [...] O meu voto é meu, é um direito meu! Não sou obrigada a votar no candidato de ninguém! Mas, eu não vou sair espalhando pros quatro cantos do mundo: “O governador não presta, o prefeito não presta.” Aí, o povo “vota no prefeito”! [...] (REGO, 2010)

Marlene Rego criou alguns atritos com moradores, porque, na prática, ela tinha o poder concedido pela prefeitura para indicar quem deveria receber um apartamento ou não. Por não ter cedido a algumas pressões de moradores que queriam levar alguma vantagem indevida, ela criou algumas inimizades. A regra era: A cada casa, não importando o tamanho ou a tipologia, corresponderia um apartamento no novo residencial, que ficaria registrado no nome do morador, desde que esse fosse o proprietário do barraco ou da casa.

A tática, no caso, foi dividir a sala da casa da mãe e colocar uma nova porta abrindo para o exterior, de forma a configurar uma moradia autônoma. Os dados da pesquisa mostram que esse tipo de tática foi muito comum, desde que as regras foram divulgadas. No entanto, neste caso, o morador não logrou o resultado que desejava,

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

uma vez que o cadastramento já estava concluído quando ele resolveu agir, a “ocasião” já tinha passado.

Nas observações de campo e nas conversas informais, pude constatar que houve também outro tipo de tática: havia pessoas que moravam fora da localidade, mas eram proprietários de casas, as quais alugavam para os moradores, como uma forma de obter renda. Ao ter notícia do cadastramento, muitos pediram de volta os suas casas e simularam a moradia na localidade, conseguindo assim o direito a um apartamento no novo residencial.

Do núcleo familiar de Marlene Rego, três pessoas tiveram direito a apartamentos no residencial: ela e seus dois filhos homens, pois todos eram proprietários de barracos na localidade Xuxa.

Enquanto eram moradores da antiga localidade, essa proximidade entre casas de familiares facilitava a superação de muitas das dificuldades, como o desemprego, quando os que perdiam o emprego passavam a morar com os que tinham renda e alugavam seus barracos para gerar uma renda extra. Com a mudança para o novo residencial, essa prática não foi alterada, como conta Marlene Rego (2010) quando fala da situação de seu filho na ocasião da entrevista: *“Ele, agora, ficou desempregado. Agora ficou tudo aqui! Aqui tem água, luz, tem condomínio...”* Sobre o apartamento do filho ela diz: *“Ele alugou, ele alugou agora...”* (REGO, 2010)

Aqui fica clara mais uma tática utilizada pelo filho de Marlene Rego e por muitos outros moradores. Apesar de proibido pela prefeitura, muitos passam a morar com outros parentes e alugam o apartamento para gerar uma renda mensal. Desta forma eles se livram também das contas de luz, de água de condomínio dos apartamentos alugados.

Com a valorização dos apartamentos, outra tática desenvolvida foi a venda ou troca, embora a proibição dessa prática esteja expressa nas regras colocadas no projeto da prefeitura. Após a morte de Marlene Rego, esta foi a principal tática praticada por seus familiares. Eles receberam indenizações por conta da morte de

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

Marlene Rego, da empresa de ônibus e do DPVAT⁵, venderam os apartamentos e investiram cada um naquilo que lhes era mais conveniente, como conta Lúcia Silva⁶ (2013), a sua filha:

Meu pai foi morar em Araçoiaba⁷, ele vendeu o apartamento aqui e foi pro interior. Porque na verdade a minha mãe, tudo que ela sentia vontade de fazer, ajeitar a casinha dela, botar cerâmica, botar gesso, ela fazia isso, ela fazia aquilo, tudo que ela queria fazer, realmente, ela fez. Então, depois de todo o trabalho de ela ter feito, de tudo, aconteceu isso com ela... Então meu pai ficou desgostoso de tá ali. Ele mesmo dizia até assim, que sentia o cheiro dela dentro de casa, na verdade o cheiro dela era espalhado dentro de casa[...]. [...] Esse apartamento é da minha tia, quer dizer, ela já vendeu, né? Já vendeu e vai pra Araçoiaba também. No interior tem muita casinha barata. Nenhum dos meus parentes quiseram mais ficar por aqui, depois da morte de minha mãe. Por aqui mudou tudo, porque tudo quem fazia era ela. Não tem ninguém, isso aqui vive abandonado! Porque o pessoal da prefeitura só aparecia por aqui, só fazia alguma coisa baseado nela, tudo era ela. Minha mãe faleceu, nunca apareceu ninguém aqui pra dizer “meus pêsames”, nunca, nunca apareceu (SILVA, 2013).

A morte de Marlene Rego, assim como acontecia com sua vida, continuou determinando mudanças, como o movimento migratório de seus familiares de retorno ao interior, fechando um ciclo de 50 anos, desde a vinda de seus pais para o Recife na década de 1960.

Após o seu desaparecimento, os sentidos dos que conviviam com ela ficaram mais aguçados, como se quisessem se agarrar a qualquer coisa que restou, e assim sua presença ainda continuou forte na memória do corpo, na saudade visual, auditiva e olfativa de quem convivia com ela na intimidade.

A experiência sensível de seu trabalho e de sua existência deixa de ser vista apenas como uma memória inerte, para continuar sendo um elemento catalizador na produção de novas mudanças. Esta talvez seja mais uma dimensão da memória. Ela não é apenas uma produção do presente sobre o passado, mas também uma ação

5 O DPVAT - Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Vias Terrestres é um seguro pago junto com o IPVA para indenizar vítimas de acidentes de trânsito, sejam elas motoristas, passageiros ou pedestres, inclusive estrangeiros.

6 Nome fictício

7 Araçoiaba, cidade do estado de Pernambuco, localizada na mesorregião Metropolitana do Recife, de onde dista 40 km. Desmembrado do território de Igarassu, Araçoiaba é o município mais novo de Pernambuco, criado em 14 de julho de 1995. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ara%C3%A7oiaba>

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

do passado sobre o presente, na medida em que continua a provocar transformações nos sujeitos da memória.

AMOU DAQUELA VEZ COMO SE FOSSE A ÚLTIMA

No início da coleta de dados dessa pesquisa, Marlene Rego era apenas mais uma fonte e meio para o meu acesso aos ex-moradores da Xuxa. Após a sua morte, que aconteceu no transcorrer da pesquisa, ela tomou outra dimensão. A partir dos relatos de seus familiares, passei a compreender, então, a sua importância como protagonista daquela história que eu queria contar. Foi aí que ela passou a ser também objeto de minha pesquisa, uma vez que a história da própria cidade nas suas relações com os pobres se confundia com a dela.

Marlene Rego pertencia a uma família bem típica das localidades pobres do Recife. Seu pai era viciado em jogos, em álcool e em drogas, e sua mãe era evangélica. A dura condição social daquelas famílias, na maioria das vezes, levava seus responsáveis a encontrarem duas rotas de fuga nos vícios ou na religião. Os homens tendiam a optar pela primeira, e as mulheres pela segunda. Como a fuga das mazelas da pobreza através dos vícios das drogas e do álcool levava muitos homens à incapacitação para o trabalho e para a liderança da família, as mulheres terminavam por tomar as rédeas da situação.

As memórias sobre a vida e a morte de Marlene Rego foram reconstruídas por seus familiares, que são evangélicos, de acordo com as representações religiosas e místicas que orientavam suas vidas. Dessa forma, ela passa a ser representada como pertencente a um plano onde as ações divinas se associam às humanas para construir um mito, com o que procuram preencher o vazio que a sua morte deixou nas suas vidas, e porque não dizer, na vida de muitos dos ex-moradores da Xuxa.

Na reconstrução das memórias de Lúcia, filha de Marlene Rego, a morte acidental de sua mãe perde o sentido de uma tragédia para se tornar uma benção divina, a realização de um sonho, o reencontro de Marlene Rego com sua mãe biológica, em pleno dia das mães, em maio de 2011.

De acordo com os relatos dos seus familiares sobre os dias que antecederam a morte da Marlene Rego, ela sentia intuitivamente o que estava para acontecer, como

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

deixou transparecer para seu filho Ramos⁸, estava pilotando a bicicleta, levando-a na garupa, quando o acidente aconteceu.

No dia fatídico, Marlene Rego já havia dito logo cedo que queria ir para a igreja à noite, se encontrar “em espírito” com sua mãe biológica. Apesar de todo o amor que havia recebido de sua mãe de criação, pois tinha ficado órfã muito cedo, nunca se esquecia da mulher que a gerou. E aquele era o dia ideal para lhe render uma homenagem. No entanto, ela não sabia que seus filhos, em segredo, também estavam lhe preparando uma homenagem em comemoração ao seu dia. Aquele era o primeiro dia das mães no novo apartamento e todos sabiam o quanto deviam a ela por estarem ali, por isso, a data merecia uma comemoração especial.

Era o primeiro dia das mães após a mudança para o Residencial III Via Mangue. Apesar dos impactos da mudança de endereço, o que trouxe alguns transtornos para muitos moradores, a família de Marlene Rego tinha muito o que comemorar. Eles eram do grupo dos moradores dos “flutuantes”, isto é, das casas construídas sobre palafitas, onde as condições de moradia eram mais precárias. Foram dois anos de tortura para eles aqueles últimos vividos na comunidade, quando haviam vendido uma casa de alvenaria em outra comunidade, para construir barracos de madeira sobre palafitas no retorno à Xuxa.

Cada barraco tinha correspondido a um apartamento no novo conjunto, portanto, a família tornou-se proprietária de três apartamentos no Residencial III Via Mangue. Desta forma, o patrimônio da família havia crescido muitas vezes. Àquela altura, um dos apartamentos já havia sido vendido, e eles estavam administrando o valor recebido como pagamento. O irmão mais velho de Ramos, que estava desempregado na antiga comunidade, já estava investindo o dinheiro em um negócio próprio e estava produzindo renda. E, ainda, Marlene Rego e Ramos estavam empregados em um colégio da rede municipal, como prestadores de serviço terceirizados, empregos que devem ter recebido como uma forma de “gratidão” por parte da prefeitura pela colaboração de Marlene Rego durante todo o processo de expulsão e reassentamento dos moradores no novo endereço, além das colaborações nas campanhas eleitorais.

⁸ Nome fictício

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

Sua participação como mediadora nas negociações foi fundamental para o atingimento dos objetivos da prefeitura. Ela agiu taticamente em relação aos seus interesses, mas foi um elemento de estratégia para a prefeitura. Tudo isso, fez aquele ano ser especial para a família de Marlene Rego, que era a principal responsável pelo bom êxito da família.

Marlene Rego passou aquele dia em casa com seus familiares. Já havia ganhado os presentes do dia das mães e participado de um almoço comemorativo. Durante o dia, segundo a memória de seus familiares, tinha se comportado de forma estranha. Não gostava de tirar fotos, mas fez questão de tirá-las naquele dia. E falou com cada um, como se fosse uma despedida. Estava mais carinhosa e atenciosa com todos e mais alegre que o seu normal, mesmo considerando-se que era o dia das mães.

Já havia chegado o crepúsculo! Marlene Rego já tinha colocado a sua melhor roupa, estava com a bíblia na mão, pronta para ir ao “encontro espiritual” com sua mãe na igreja, já apressando seu filho, Ramos, para levá-la na bicicleta, como fazia todos os dias. Lúcia, sua filha já estava com o papel onde estava escrita a mensagem que seria lida no microfone do carro de som contratado, na frente do Residencial.

Tudo estava combinado, o encontro seria na entrada, assim os moradores dos outros apartamentos poderiam se reunir e participar da homenagem. O carro de mensagens estava marcado para as 18h30min. Mas, o tempo foi passando, e desenhando novas circunstâncias. O carro não chegava. Já eram 18h35min e nada! O ambiente foi ficando tenso, porque a homenagem seria antes da ida dela para a igreja, como conta Ramos (2013):

E cadê o carro de som? Marcou pras seis e meia, e cadê o carro? Aí quase seis e trinta e cinco, e ela arretada aqui, arrumada: “bora, meu filho, bora, meu filho!” Eu escondi a bicicleta, a minha, porque eu nunca tinha pegado a do meu pai, vê que negócio! Nunca andei com a do meu pai, nunca andei com ela no bagageiro, sempre com ela no quadro. Aí um colega meu, aqui de cima pediu a bicicleta emprestada, e eu digo: “vou dar mesmo, porque não vou pra canto nenhum...” Dei, e ela ficou no meu pé, correndo atrás de mim; “Juninho, bora, e tal...” Aí, quando era seis e quarenta, certinho, aí eu disse pra minha irmã, Renata, a galega: “Diz ao pessoal que eu vou levar ela pra igreja, quando der nove horas em pontinho eu volto, agora quando o carro de mensagem chegar, diga a ele que foi adiado, porque ele chegou atrasado, e ele venha de nove horas em pontinho.” E aí, ele, como

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

tinha errado, ele tinha que voltar de novo, né? Ela disse: “Tá certo!”. Peguei a bicicleta do meu pai e disse: “Mainha, minha bicicleta está emprestada”, isso eram seis e quarenta em pontinho. E ela me dizendo: Se acontecer alguma coisa, e tal...” Eu até parei, olhei pra cara dela assim e falei: Mas mainha... (RAMOS,2013)

Ramos, então, saiu com ela na garupa da bicicleta. Ela de vestido, sentada de lado, uma mão na cintura de Ramos, a outra segurando a bíblia junto ao peito. Partia enfim para o “grande encontro”.

Era dia de decisão no Campeonato Pernambucano de Futebol. A essa altura, o Santa Cruz já tinha vencido o Sport⁹ por 2 x 0, e o Estadual estava decidido. O Santa Cruz era o campeão pernambucano de 2011! A cidade estava agitada pelas comemorações, os carros passavam buzinando e fazendo a maior algazarra. O jogo tinha acabado fazia pouco tempo, e era o assunto principal das conversas entre os homens naquele exato momento! Havia muita rivalidade entre os torcedores, e os vencedores não perdiam a oportunidade de caçoar dos perdedores. Afinal, esse é um dos grandes prazeres proporcionados pelo futebol!

Ramos, então, tomou a direção da saída, se encaminhou como sempre fazia para a avenida onde tinha um canal, o qual é fronteira entre os bairros da Imbiribeira e de Boa Viagem. Uma vez na avenida, Ramos se preparava para atravessá-la e pegar a pequena ponte de pedestres que liga os bairros, mas avistou um ônibus que vinha ao longe e resolveu esperar, como ele mesmo conta:

Eu me lembro, quando o ônibus vinha de lá, o da Borborema, ele vinha fazendo ziguezague, e eu via que tinha uma pessoa na parada que deu com a mão, pedindo parada. Só que ela deu com a mão, e eu tô no canto de cá, e ele na faixa do lado de lá. Ele teria que vir pela direita que é o canto do ônibus certo, e eu estava no canto de cá, e eu normal, ele estava do outro lado, eu no cantinho, assim, eu vinha pelo canteiro.[...] Eu tenho certeza que ele queria dar um susto, botar e voltar... Quando ele foi e voltou, não deu. Pegou a parte da perna dela aqui.[...] Eu fiquei com a cabeça em cima do meio fio, e não bateu, e ela bateu com a cabeça no meio fio. Bateu atrás, na nuca. A única coisa que ela disse foi: “Luizinho”, só isso! (idem)

⁹ Santa Cruz e Sport são dois dos principais times do Estado de Pernambuco, com sedes em Recife. As torcidas dos dois times somam, provavelmente, mais de dois terços do total de torcedores do estado.

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

Marlene Rego estava morta, e com ela o que tinha restado de sua comunidade, a Xuxa!

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O Residencial III Via Mangue foi planejado e construído para assentar a população expulsa em 2010 das localidades pobres Xuxa e Deus nos Acuda. Elas existiam na beira do mangue, no bairro de Boa Viagem, em cuja localização passaria o traçado da Via Mangue, uma via de trânsito rápido exclusiva para automóveis do tipo passeio. Segundo a Prefeitura do Recife, serviria para desafogar o trânsito da Zona Sul, além de preservar as áreas de mangue e promover a “inclusão social”, na medida em que os moradores oriundos das palafitas demolidas receberiam “moradias dignas” para viverem com suas famílias.

As comunidades expulsas surgiram no bairro de Boa Viagem por volta dos anos 1970, em função das oportunidades de trabalho que a proximidade da praia de Boa Viagem e das residências e estabelecimentos ricos podiam proporcionar a seus moradores. Passou, assim, a existir entre a população pobre e a rica daquele bairro uma relação produtiva de trocas que proporcionava aos pobres, produção de renda e aos ricos, uma boa oferta de mão de obra para realização dos serviços mais simples.

No entanto, enquanto a relação no que diz respeito à prestação de serviços de apoio doméstico dos moradores das comunidades pobres aos moradores ricos do bairro era produtiva e pacífica, o direito a um território no bairro por parte dos pobres para habitação e para suas práticas cotidianas nunca foi aceito de fato. Portanto, a permanência deles naquele local por cerca de quatro décadas se deu a custo de muitos conflitos e de muitas lutas e sacrifícios por parte dos mais pobres.

As dificuldades eram amenizadas através de práticas, como o comércio interno, produzido pelos próprios moradores, que mesclavam o uso habitacional com o comercial e o de prestação de serviços dentro do mesmo espaço. As práticas solidárias também eram utilizadas como táticas para vencer as dificuldades cotidianas, como o cuidado das crianças e dos idosos, que era compartilhado entre

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

os familiares que moravam em casas muito próximas. A moradia, muitas vezes era compartilhada entre membros da mesma família, como irmãos, primos, tios e avós; a segurança era proporcionada pelos laços de amizade e de vizinhança que fazia com que se respeitassem mutuamente.

Após várias tentativas por parte do poder público de retirar do bairro essa população pobre, finalmente em 2010, as casas da beira do mangue foram derrubadas e a população expulsa para um conjunto de prédios construídos especialmente para assentar essa população, no bairro vizinho da Imbiribeira.

De acordo com os dados levantados pela pesquisa, os apartamentos para onde foram expulsos os moradores, de fato, promoveram uma melhoria de vida em termos de moradia para os moradores mais pobres que viviam nas palafitas, mas desagradaram a outros moradores que haviam investido muitos anos na melhoria de suas casas, que se sentiram prejudicados por terem sido obrigados a abandoná-las e a viver nos pequenos apartamentos construídos pela prefeitura.

Outro grupo, que era majoritário na comunidade e que também se sentiu prejudicado, foi o de comerciantes e de prestadores de serviços, que viviam em função da proximidade com as moradias e estabelecimentos ricos do bairro de Boa Viagem. Eles viram suas rendas diminuírem drasticamente, enquanto as despesas aumentavam, pela obrigatoriedade de pagar taxas de luz, de água e de condomínio, o que não existia na localidade extinta.

Os comerciantes e prestadores de serviços da Xuxa, que no bairro de Boa Viagem, de uma forma ou de outra, estavam integrados ao mercado de trabalho e tinham, portanto, meios relativamente estáveis para produção de renda, além de uma rede de relações com os moradores do bairro como um todo se sentiram prejudicados com a mudança de endereço, com as regras impostas pela Prefeitura e com a nova organização espacial do novo residencial. O prejuízo que tiveram constitui, portanto, uma contradição em relação ao discurso oficial, que prometia a promoção da dignidade e da chamada “inclusão social” dos moradores expulsos.

Os dados coletados e analisados nesta pesquisa indicam que a imposição por parte da prefeitura de uma forma de organização social estranha à cultura e às tradições dos moradores expulsos do bairro de Boa Viagem e a inserção deles em outro bairro que em nada se assemelha ao lugar onde desenvolveram uma cultura e

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

uma economia adaptadas às suas necessidades cotidianas provocaram uma quebra de identidade, além de não terem solucionado totalmente o problema da segregação social do espaço. As fronteiras culturais, sociais e econômicas que os segregava espacialmente no bairro de Boa Viagem não foram eliminadas com a mudança, mas apenas deslocadas, uma vez que os estigmas sociais da pobreza acompanharam os moradores e com eles se instalaram no novo local de moradia.

Esses fatores negativos, que atingiram dramaticamente não apenas a economia da população, mas a organização social, a cultura e a identidade dos moradores fizeram com que a recepção ao projeto não fosse passiva nem totalmente pacífica. Através do uso de táticas e de burlas, a população passou a recriar os espaços planejados pela prefeitura, dando novos usos a espaços e equipamentos, de forma a adaptá-los à sua cultura, a viabilizar novamente meios para a produção de renda, principalmente por parte dos moradores que não tinham empregos fixos e dependiam de atividades autônomas para produzirem suas rendas.

Apesar das proibições e ameaças do órgão de controle da Prefeitura, os serviços de oficina passaram a ser praticados nos vãos de circulação entre os prédios; as salas dos apartamentos térreos se transformaram em lojas, como mercadinhos, bombonieres, depósitos de água mineral, mercearias e bares; os jardins laterais foram cercados, tornando-se como que propriedades particulares dos moradores que deles cuidavam; nos apartamentos superiores foram penduradas placas abaixo das janelas, indicando as atividades de comércio ou serviços que ali passaram a ser praticadas.

As circulações internas se transformaram em depósitos de carroças de praia, usadas para vender alimentos a banhistas e frequentadores da orla de Boa Viagem e o estacionamento externo foi se tornando menor, por causa das barracas de venda de lanches e bebidas que nele foram se instalando, pouco a pouco.

Nos finais de semana, áreas do estacionamento se tornaram local de encontros de jovens, que colocaram mesas e cadeiras, para ficar dançando e bebendo, ao som dos CD- players instalados nos automóveis. A prática do espaço por parte dos moradores, a partir de uma reapropriação através do uso de burlas e de táticas, deu a ele novos usos, de forma a adaptá-los ao seu modo de vida e à sua cultura.

No entanto, a principal tática dos moradores passou a ser o aluguel e a venda dos apartamentos. O aluguel passou a proporcionar uma renda mensal extra,

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?

Paulo Alexandre Xavier Marques

enquanto os proprietários, em geral solteiros ou com famílias pequenas, passaram a morar com seus parentes mais velhos, como pais e tios, deixando assim também de pagar taxas de energia elétrica, água e condomínio. A solidariedade voltou assim a ser um fator de sobrevivência para os moradores.

Os apartamentos passaram a ser cobiçados por pessoas da classe média, uma vez que eram bem localizados e projetados para um estilo de vida condizente com o modo de vida daquelas famílias, que normalmente utilizam o apartamento apenas como moradia, produzindo renda em outros locais, como em estabelecimentos externos ou em empregos fixos.

Essa demanda fez com que os apartamentos se valorizassem enormemente, o que se tornou um fator de pressão imobiliária, levando os moradores a verem na venda dos apartamentos oportunidades para uma mudança de vida, como o investimento em estabelecimentos comerciais e moradias em cidades do interior, onde os terrenos não são tão valorizados e o custo de vida não é tão elevado quanto no Recife. Segundo os relatos dos moradores, na fase de levantamento de dados dessa pesquisa, mais da metade dos apartamentos já haviam sido vendidos ou alugados, levando seus moradores originais a um processo de dispersão.

Esse processo indica que está em andamento um fluxo de migração inverso ao que formou as comunidades pobres extintas, fechando para muitos um ciclo de quarenta anos, desde quando suas famílias saíram do interior em busca de trabalho na cidade de Recife.

Enfim, as comunidades pobres que “estavam no caminho” da Via Mangue foram, de fato, expulsas e deram lugar, aos parques, às pontes, aos túneis e aos viadutos requeridos pelos que querem lucrar com os eventos internacionais, com os empreendimentos imobiliários e com o turismo na cidade do Recife.

No entanto, a intervenção governamental pôs em movimento atores sociais, cujas ações e reações não são uniformes, não podem ser previstas ou controladas, mas são impulsionadas pelos mais diversos interesses e direcionadas pelo acaso dos combates culturais e sociais, que “fabricam” identidades, deslocam, levantam e derrubam fronteiras e continuam indefinidamente a cartografar a cidade no movimento incessante da história.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina e; FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. **Usos & abusos da história oral**. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LAROSSA, Jorge. **A operação ensaio**: sobre o ensaiar e o ensaiar –se no pensamento, na escrita e na vida. *Revista Educação e Realidade*. 29(1):27-43. jan/jun 2004.

RAMOS, Luís. **Entrevista II**. [jul. 2013]. Entrevistador: Paulo Alexandre Xavier Marques. Recife, 2013. 1 arquivo .mp3 (60 min). Entrevista concedida para pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFCG.

MARQUES, Paulo Alexandre Xavier. **Na contramão da via mangue**: artes e astúcias na reinvenção do cotidiano de ex-moradores das localidades "Xuxa" e "Deus nos Acuda" em Recife-PE. UFCG, 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

_____. A implantação da via mangue e os conflitos entre mobilidade urbana, meio ambiente e sobrevivência no Recife. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256. Rio Grande: PPGEA-FURG, v. 29, julho a dezembro, 2012.

MONTENEGRO, A.T. **História, metodologia, memória** – 1. Ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Travessias e desafios. In **História oral, desigualdades e diferenças** – Recife: Ed. Universitária da UFPE; (Florianópolis/SC): Ed. Da UFSC, 2012.

_____. Percursos historiográficos e metodológicos da contemporaneidade. In **Depois da utopia**: A história oral em seu tempo. – São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013.

PREFEITURA DO RECIFE. **Via Mangue**. 2008. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/2008/05/05/mat_161990.php>. Acesso: 10 out. 2011.

PUNTES, Jhonny; GAVÍDIA, J. L. Monzant. **História e historiografia**: construção de novas tendências teóricas. In. PÔRTO JR., Gilson (org.). *História do tempo presente*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

RAMOS, Luís. **Entrevista II**. [jul. 2013]. Entrevistador: Paulo Alexandre Xavier Marques. Recife, 2013. 1 arquivo .mp3 (60 min). Entrevista concedida para pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFCG.

VIDA E MORTE DE UMA MULHER POBRE: AGENTES TRANSFORMADORES DO ESPAÇO URBANO?
Paulo Alexandre Xavier Marques

REGO, Marlene. **Entrevista I.** [set. 2010]. Entrevistador: Paulo Alexandre Xavier Marques. Recife, 2010. 1 arquivo .mp3 (60 min). Entrevista concedida para pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFCG.

SILVA, Lúcia. **Entrevista III.** [jul. 2013]. Entrevistador: Paulo Alexandre Xavier Marques. Recife, 2013. 1 arquivo .mp3 (60 min). Entrevista concedida para pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em História da UFCG.

Artigo recebido em 21/04/2018

Artigo aceito em 18/06/2018